

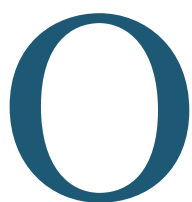
Atração fatal



EM REDE Partilhar experiências é um dos motivos que leva as pessoas a sobrepor o risco à segurança

Nos dias que se seguiram à tragédia que roubou a vida a um casal polaco que estava a tirar fotografias no Cabo da Roca, vários portugueses e turistas estrangeiros continuaram a correr riscos - tal como pode constatar nas fotografias que estão nesta página. As razões podem ser muitas. Desconhecimento? Atração pelo abismo? Ou necessidade de desafiar as regras? O Expresso Diário foi à procura de respostas

TEXTO MARIA JOÃO BOURBON **FOTOS** JOSÉ CARLOS CARVALHO



caso do casal polaco que caiu acidentalmente de uma ravina junto ao

farol Cabo da Roca, no sábado, enquanto os filhos os fotografavam, voltou os olhos do país inteiro para o ponto mais Ocidental de Portugal e da Europa Continental. O facto de conhecerem bem a zona não os impediu de ir além de uma barreira de proteção para captar esse momento.

Nos dias seguintes ao acidente, o fotógrafo José Carlos Carvalho procurou perceber se – na sequência destas notícias – os estrangeiros e portugueses que se dirigiam ao local adotavam precauções redobradas. Curiosamente, o que viu foi surpreendente. Grupos de amigos ou pessoas a solo continuam a desafiar as falésias e ravinas do Cabo da Roca. Tiram fotografias, ‘selfies’ e desafiam-se tentando ir cada vez mais longe. Um grupo chegou, inclusive, a fazer ouvidos moucos ao apelo de um segurança para que saíssem dali, mencionando a morte do casal polaco.

Perante este cenário, há uma pergunta que se impõe: porquê? Será atração pelo risco? Vontade de se superar? Ou um desconhecimento total do perigo? “Há vários motivos que podem levar as pessoas a ter estas atitudes”, diz o psicólogo comportamental Hélio Borges, da clínica Psicologia Direta, no Porto, a partir da análise das fotografias que estão nesta página. Em primeiro lugar, refere a falta de consciencialização do perigo. “Verificamos situações de várias famílias com filhos e, nesses casos, não haverá uma atração pelo perigo, uma vez que esses familiares não iriam colocar – propositadamente – os seus filhos em risco.” O facto de existirem determinadas zonas sem barreiras ou sinalização adequada “pode provocar um efeito de desconhecimento” ou desresponsabilização, uma vez que são esses os sinais normalmente associados ao perigo.

Isto, aliado à curiosidade humana (por esta ser “uma zona de grande beleza natural”), pode levar as pessoas à exposição de situações como estas. Das fotografias, o psicólogo destaca uma “onde se vê um indivíduo com aquilo que parece uma câmara GoPro e um cabo de extensão para tentar ver mais além.” E, acrescenta, é a sociedade atual, “com o acesso rápido e fácil a diferentes

realidades” e “a necessidade de se viver mais intensamente cada experiência”, que cria situações como estas.







- [Next](#)

COMUNICO, LOGO EXISTO

A proliferação dos smartphones e ‘uploads’ imediatos, das câmaras GoPro e a conectividade rápida e constante podem contribuir para este tipo de situações. “Toda esta questão das ‘selfies’ e partilha de fotografias é cada vez mais comum”, realça Jorge Martins Rosa, do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa. E ainda que a vontade de tirar fotografias para a posteridade não seja nova, a originalidade está na forma como se faz isso hoje. “Atualmente surgem novas questões – por um lado, a multiplicação dos recursos; por outro, a necessidade de uma comunicação continuada, sempre presente ao longo do dia” –, criando uma necessidade [fictícia] de estar presente “nas redes sociais, contribuindo para esse fluxo de comunicação contínua”.

O efeito do grupo e de imitação pode ser encontrado em alguns destes casos, indicam Hélio Borges e Martins Rosa. Estão cada vez mais presentes, referindo exemplos como a proliferação de fotografias nas redes sociais captadas do topo de arranha-céus ou o caso da Volta à França, onde ‘selfies’ eram captadas no meio da pista. Esta atração pelo risco “pode levar as pessoas a ultrapassar barreiras de segurança ou a ignorar avisos”, explica o primeiro. “As pessoas pensam: se os outros podem, porque é que eu não posso?”







- [Next](#)

Já Martins Rosa sublinha que a questão da atuação em grupo pode não ser real, mas virtual, referindo-se à partilha posterior destas imagens nas redes sociais. “É preciso mostrar aos outros que se é o mais rápido, o melhor, o mais original... Mesmo que o façam sozinhos, sentem-se inseridos num grupo virtual. A decisão entre arriscar ou não pode depender disso.” Ainda assim, garante, os casos em que esta necessidade de comunicação e inserção num grupo virtual desafia a própria vida são marginais – e não a regra.

Regra ou exceção, a verdade é que estas situações são cada vez mais presentes, no entender do Comandante Paulo Vicente, do gabinete de Relações Públicas da Marinha Portuguesa. Também ele presenciou várias situações de risco e de desafio aos avisos de segurança nos dias que se seguiram ao incidente com o casal polaco, no Cabo da Roca. “A questão é delicada mas tem como ponto de partida um problema cultural”, garante. “As pessoas ignoram constantemente as barreiras e os avisos dos seguranças destacados no local.”

O que é possível então fazer para prevenir estas situações? “O que já está a ser feito: continuar a fomentar a vigilância, intensificando as patrulhas de fiscalização no verão e apostar nas campanhas de esclarecimento.” Já a repressão através de

coimas, garante, não funciona. “É preciso ir à essência da nossa cultura, apostar na educação e sensibilização da população.”

PARTILHAR

JORNAL EXPRESSO QUINTA,

14 de Agosto de 2014